



Representação Parlamentar  
Partido Popular Monárquico – Açores

## Discurso

### (Encerramento do Debate do Plano e Orçamento de 2009)

Senhor Presidente  
Srs. Deputados  
Srs. Presidente e Membros do Governo

Vivemos hoje horas muito difíceis na nossa Região. O desemprego cresce espectacularmente, aumenta a insegurança das populações, o rendimento das famílias cai a pique e flagelos sociais como a toxicodependência e a violência doméstica não param de incrementar-se.

Na agricultura instalou-se a incerteza perante um futuro mais que incerto e o sector das pescas dá mostras de esgotamento. A construção civil derrubou-se como um castelo de cartas e o comércio entrou em desespero.

No ensino cresce a indisciplina, o monstro burocrático e os maus resultados na aprendizagem dos nossos alunos. O sector da saúde tem um buraco colossal que compromete gravemente o presente e o futuro do sistema de saúde regional.

Em circunstâncias tão difíceis como as que estamos vivendo, é crucial os povos contarem com Governos frescos, dinâmicos,



Representação Parlamentar  
Partido Popular Monárquico – Açores

competentes, com visão de futuro e com capacidade de unir os cidadãos em torno de objectivos comuns.

Ora o destino reservou-nos a trágica fatalidade de, para enfrentar este momento de enorme transcendência, se encontrar na linha do destino, este Governo e esta liderança.

Senhor Presidente  
Srs. Deputados  
Srs. Presidente e Membros do Governo

A actual liderança política açoriana, protagonizada pelo Sr. Carlos César, dificilmente poderia reunir piores condições para encarar as actuais circunstâncias.

A responsabilidade da liderança pertence actualmente a um político previamente formatado para o gozo de um período sabático de quatro anos. Está de saída e só lamenta, como os antigos gauleses, que o céu lhe tenha caído em cima.

Isto costuma acontecer aos velhos jogadores que não sabem pendurar as chuteiras a tempo. Tentam o destino sempre com a pretensão de disputarem mais um jogo e depois acabam assobiados pelos adeptos, sem paciência para os ver arrastar o emblema do clube na lama da decadência e da incompetência. Neste caso nem sequer existe registo de antigas glórias para atenuar as misérias presentes.

O passado é fácil de sintetizar. Depois de treze anos de governação, os Açores continuam a ser uma das regiões mais pobres



Representação Parlamentar  
Partido Popular Monárquico – Açores

da Europa. É certo que já o éramos, mas a evidência é que não o deixámos de ser. Em termos de convergência com a União Europeia, com uns meros 68%, estamos mais próximos dos restos do império tropical francês do que da Madeira ou das Canárias.

Analisemos, no entanto, as condições objectivas que se exigem - nas actuais circunstâncias - a uma liderança para enfrentar a crise. Exige-se capacidade para congregar todos os sectores sociais, políticos e económicos.

Ora esta é uma das virtudes que o Sr. Carlos César dificilmente reúne. A sua obsessão, em todos os discursos, é tentar achincalhar a oposição. A sua retórica, despida de conteúdo, nunca dispensa o conflito partidário, por mais mesquinha que seja a oportunidade táctica.

Neste debate, mesmo vivendo a população açoriana as difíceis circunstâncias presentes, o Sr. Carlos César não teve outro propósito que não semear a discórdia e a divisão neste Parlamento.

Senhor Presidente  
Srs. Deputados  
Srs. Presidente e Membros do Governo

Outra qualidade que se pede a um verdadeiro estadista é que tenha a capacidade de olhar constantemente para o futuro. Ora a obsessão do Sr. Carlos César é a comparação com o passado, por mais ridículo e desonesto que seja esse exercício. De tanto olhar para



Representação Parlamentar  
Partido Popular Monárquico – Açores

trás, ainda corre o risco de se transformar numa estátua de sal, como os descrentes de Sodoma e Gomorra.

É confrangedor comparar o número actual de telemóveis e computadores com as quantidades registadas nos contextos temporais de há treze anos. Ninguém lhe dá a menor credibilidade nesse exercício. Os seus resultados absolutos, comparados com boas práticas de crescimento e convergência no âmbito da governação, são, pura e simplesmente, maus.

Exige-se a um líder que rentabilize capacidades individuais e coordene equipas. Ora, neste debate, o Sr. voltou a render-se ao velho pecado do vedetismo. Motivado pela transmissão do debate pela RTP-A, o Sr. secou o Presidente do Grupo Parlamentar do seu partido e o Secretário da Presidência.

A moral da história é que se provou, mais uma vez, que continua obcecado em exigir o palco só para si. O resultado deste tipo de comportamento é o já célebre: "depois de mim, o caos".

Finalmente, exige-se que um líder, mesmo que esteja de saída, não hipoteque o futuro da sociedade que lidera. Ora o Sr. Presidente do Governo Regional chegou a este debate com o terrível ónus de ter prejudicado gravemente os interesses dos Açores na questão da Base das Lajes.

As receitas provenientes da Base das Lajes já significaram 38 % do orçamento desta Região. Embora o actual acordo não contemple este género de contrapartida, nada lhe dá o direito de vir levianamente dizer que os Açores não pretendem obter contrapartidas financeiras para o futuro. A Base das Lajes continua a



Representação Parlamentar  
Partido Popular Monárquico – Açores

ter uma importância fulcral para a projecção político-militar dos Estados Unidos e os Açores não são a Região rica da União Europeia que os americanos, na senda dos saldos, nos querem agora impingir.

Neste mundo já não existem almoços grátis. Na próxima vez, se os quiser pagar, não nos mande a conta antes de nos perguntar se queremos participar nesse ofertório. Neste caso, existe ainda a agravante do Sr. já cá não estar quando se tiver de pagar a conta que resultará da sua falta de Sentido de Estado nesta questão.

Senhor Presidente

Srs. Deputados

Srs. Presidente e Membros do Governo

Assim, o orçamento, cuja discussão só agora concluímos, enferma de todos os vícios da inaptidão política descrita, a que se deve juntar uma total incompreensão da crise e dos seus mecanismos.

O Presidente do Governo Regional convenceu-se que derrota a crise se repetir muitas vezes o slogan de vender sabonetes que lhe inventaram: "a crise chegou mais tarde aos Açores e sairá mais cedo devido à acção previdente do Governo Regional". Enfim, uma coisa verdadeiramente confrangedora.

Não me irei deter muito mais na análise dos erros de que enferma este insípido orçamento. Tirando a cosmética da retórica e o aumento da capacidade de desperdício, este orçamento é igual a todos os outros que lhe antecederam. Especificamente para a crise,



Representação Parlamentar  
Partido Popular Monárquico – Açores

superado o barulho do foguetório propagandístico, só vejo sair uma mãozinha para o pântano em que se transformou a construção civil regional.

Os espanhóis gostam de dizer que a sua armada invencível não foi derrotada pelos canhões ingleses. Dizem que a destruição foi originada pela fúria dos elementos. No caso da armada invencível deste Governo, penso que tenho o dever de aconselhar o executivo a não desafiar a Santa Providência. A história repete-se, principalmente com navios detentores do grau de inclinação que se comenta.

Senhor Presidente

Srs. Deputados

Srs. Presidente e Membros do Governo

Quero, finalmente, abordar aqui a vergonha que é este orçamento para a ilha do Corvo. Evidentemente que aquela história da irrelevância da área e da população das ilhas foi mais um daqueles momentos retóricos tão característico deste Presidente do Governo Regional.

As contas são, infelizmente, fáceis de fazer e de descrever. No ambiente, por exemplo. É verdade, como afirmou a Sra. Deputada Cláudia Cardoso, que isto é um acerto de contas. O projecto do aterro sanitário, prometido e jurado pelo Presidente do Governo Regional para 2009, custaria 750 mil Euros. Ora, em troca, o que está agora consignado, para esta área, é uma despesa de 75 mil euros.



Representação Parlamentar  
Partido Popular Monárquico – Açores

Dado que o Secretário Álvaro Meneses prometeu gastar ainda mais dinheiro neste seu novo projecto, gostaria de saber como se explica esta aparente contradição? Não acha, Sra. Deputada Cláudia Cardoso, que isto precisa de um acerto de contas?

E o Centro de Interpretação Ambiental da ilha do Corvo. Não se lembra, Sr. Vice-Presidente, de o ter inaugurado em 2007? Sabia que, ao melhor estilo da lendária política do Coronel Odorico, este empreendimento, de mais de duzentos mil euros, continua encerrado. Isto quando não existe nenhuma outra valência para a preservação e divulgação do património. Alguém acha isto admissível?

E o Parque Natural? E a Reserva da Biosfera? E o zero de 13 anos consecutivos na política desportiva? E a política cultural? E a famosa massificação da deslocação à ilha de especialistas na área da saúde? E a política de juventude? E as melhorias significativas na área dos transportes? Mais quatro zeros à esquerda da vossa conta à ordem sobre o desleixo, a incompetência e a negligência deste Governo na ilha do Corvo.

Senhor Presidente

Srs. Deputados

Srs. Presidente e Membros do Governo

Os senhores deveriam ter vergonha de apresentar este saldo governativo na ilha do Corvo. Qual é a diferença entre a vossa política e a praticada em quinhentos anos de abandono do poder central. Antes, do Estado, só nos chegavam os padres, agora, por sinal, nem isso.



Representação Parlamentar  
Partido Popular Monárquico – Açores

Termino este breve discurso, voltando ao retrato regional. Que tragédia representa para os Açores o facto de não podermos enfrentar esta crise com algo melhor que este Governo! O pior da história da autonomia! O Presidente do Governo quer construir um Museu da Autonomia. É, no seu caso, uma preocupação urgente e bem contextualizada.

Disse!

Horta, 2 de Abril de 2009

O Deputado

(Paulo Estêvão)